

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

A efficácia do duello

A prática absurdíssima do absurdo duello é uma das mais negras nódoas da chamada civilização moderna, ou—mais bem dito—é uma das mais eloquentes provas, um dos mais profundos signaes de que semelhante estado social de civilizado só tem o nome.

Quem pratica o duello? Aquelles que mais altamente campam de esclarecidos pelas mágicas luzes da tal civilização.

Por que praticam elles o duello? Porque assim o exigem os doutores mais consummados na sciência da dita civilização; porque assim está escripto no áureo código da honra, que é a quinta essência da decantada civilização.

Conservam-se nas leis—é certo—uns anacrónicos resquícios de costumes menos illuminados; pois o duello ainda é legalmente prohibido.

Mas que vale essa prohibição? Os mais austeros zeladores da lei julgam-se obrigados pela irresistível imposição do progresso, que adoram, a desprezar sem rebuço uma prohibição que já não merece a attenção de ser abrogada.

O duello é prohibido: mas praticam-no liberrimamente não só os cidadãos vulgares, a quem, a respeito de leis, só compete obedecer, mas também as auctoridades de todas as categorias, os deputados, os pares do reino, os ministros.

Protestando sincera indignação contra este desprêzo da lei—desprêzo que se reedita todas as vezes que dois insensatos se lembram de sellar com a loucura do duello os actos mais deprimentes da sua vida—, não temos intenção de expender as razões de toda a ordem que militam contra o bárbaro costume.

Baste-nos recordar mais uma vez a efficácia negativa do duello tomado como meio de desaffronta, ainda quando não fosse um crime o fazer cada uma justiça por suas mãos, e um absurdo a pretensão de reparar a honra pela força bruta.

Essa demonstração é-nos oferecida por um caso recen-

te, passado em Lisboa, ás barbas das mais altas auctoridades da nação, com a impudente publicidade que a cegueira dos criminosos e a certeza da impunidade costumam dar a estes escândalos.

Um escriptor, que declara desapprovar o duello, offendeu em seus escriptos um par do reino, que também escreve em gazetas. Este retorquiu, pagando agravo com agravo. Aquelle, o tal que desapprova o duello (que convicções!), provocou a duello o segundo.

O duello realizou-se em destes dias. Os leitores já estão vendo que o provocador saíu gloriósamente vingado do seu adversário. Pois enganam-se: nos tres assaltos, de que constou a comédia, recebeu dois ferimentos, um dos quaes lhe atravessou um braço no comprimento de quinze centímetros!

Mas—diz a gazeta que elle mesmo redige—os dois adversários reconciliaram-se no campo da honra, que ficou reparada!

E' evidente: o sangue a sair e a honra a entrar; quanto mais crimes, mais dignidade! Que farça tam ignobil, tam odiosa, tam repugnante!

Mas não deixaremos em silêncio os nomes dos dois heróicos, negando o humilde prego da nossa penna á fama do glorioso feito.

O primeiro, provocador e ferido, é o Dr. António Zephirino Cândido, redactor e director de *A Epoca*, e orador na contra-manifestação que a maçanaria de Lisboa pretendia oppôr á grandiosa solemnidade do cinquentenario da Immaculada Conceição. O segundo é o general Dantas Baracho, par do reino, que, falando muito, acerta pouco, sobretudo em materia de ordens religiosas, sobre as quaes tem espantado o parlamento com os mais estupendos disparates.

P. L. F.

"O salutaris Hostia!",

Quando esplende na penumbra do santuário, trémula nas mãos do sacerdote que a eleva, ou engastada no ouro do ostensório, não nos apparece a Hóstia, em meio de nossas tristezas, como um penhor de salvação, mensageira de paz e esperança? A ter-

ra levanta para ella um olhar supplicante. Deus envolve-a com um sorriso de amor. Todos aquelles a quem a morte ameaça, esperam della a vida. Ella é verdadeiramente a Hóstia salutar: *salutaris Hostia*.

Homens de todos os países alongam para ella famintos lábios, e, quando a têm recebido, sentem renovar-se a sua robustez e vigor moral. Ignorantes e sábios, pobres e ricos, todos quantos vivem, vivem por ella; todos quantos caminham, caminham em sua força; e, unidos num mesmo sentimento de reconhecimento, lá se vam pelo mundo cantando a sua glória: Oh Hóstia querida! Oh Hóstia salutar! *O salutaris Hostia!*

A glória da Hóstia... oh quem a poderá dizer? Ella é a névua lejeira, onde se encerra a Luz infinita para vir até nós, mas onde mal se esconde, traída pelo esplendor de seus beneficios, como o sol pelo brilho dos raios que rasgam a nuvem dourada.

A Hóstia é a glória de Deus, porque é o resumo de suas maravilhas, a última palavra, neste mundo, do seu poder e da sua ternura. E' a glória da humanidade, porque é a grande prova do amor com que Deus a distingue, e porque nella é que se consumma a deificação da alma pelo seu mysterioso hymeneu com Jesus-Christo.

E eiz que esta glória trasborda ao largo de nossas igrejas. Milhares e milhares de homens vam em peregrinação aos grandes santuários, como nas eras de fé, e não se detêm senão para cair todos de joelhos—movimento sublime!—perante a mesa sagrada. Procições de homens, pisando flores, rodeiam o santissimo Sacramento; e menos direita sobe ao ceu a chamma de suas tochas, menos perfumado o fumo do incenso, do que a doce e robusta oração que se exhala de suas almas: Oh Hóstia querida! Oh Hóstia salutar! *O salutaris Hostia!*

Por todos seus beneficios, como por outras tantas vozes, a Hóstia nos diz: «Vinde a mim.» Se somos capazes dum pouco de reconhecimento e de amor, se comprehendemos nossos verdadeiros interesses, respondamos com alvoroço ao seu chamamento.

Mas a estas vozes mistura-se outra bem differente, voz sinistra e trágica, voz do abysmo, que nos brada: «Guerra á Hóstia!» E' a voz do inferno, voz de Satanás e de seus commissários no mundo. Ora, quando nos dizem: «Guerra á Hóstia!» nós devemos entender: «Ide á Hóstia!» Na verdade o inferno não a combateria assim e não lidaria por nos apartar della, se não visse nella a salvação e a vida do mundo. As suas blasphêmias sam pois mais uma razão para recorrer-mos á Eucharistia e lhe pedirmos a força que nos falta.

Ah uma pequena Hóstia parece, á primeira vista, uma coisa bem impotente! E' tam pequena

coisa uma Hóstia!... Os frívolos, que só julgam pelas apparencias, desprezam-na, como Goliath a David. Mas não vos fieis, homens cegos, em sua fragil apparencia. A Hóstia é poderosa e terrível. Posta no coração da Igreja, é ella quem a defende contra os vossos assaltos, como escudo impenetravel.

Emquanto houver uma Hóstia, a Igreja nada receará de seus perseguidores. Póde ver-se constangida a deixar um país, perseguida por seus inimigos, ou a esconder-se em novas catacumbas: mas leva a Hóstia em seu coração, e com a Hóstia ella voltará, porque a Hóstia ha de triumphar sempre.

Eiz aqui por que os mais intelligentes de seus adversários desejariam arrancar-lhe esse precioso talisman, esse segrêdo de immortalidade! Mas de balde. Emquanto houver um sacerdote no mundo, haverá Hóstia para constellar toda a terra.

Jesus-Christo nada deseja mais do que ver-nos recorrer ao divino alimento da Eucharistia. «Eu tenho desejado» dizia elle a seus apóstolos «comer convosco esta páschoa—*Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum.*»

«*Desiderio desideravi!*» Ha nesta repetição um hebraísmo, que exprime a accção elevada ao mais alto grau. Nosso Senhor quis mostrar-nos com que impaciência esperava o momento de se dar a nós na Eucharistia. Ah como deve ter sido intenso este desejo de Jesus-Christo, para o fazer desprezar todas as difficuldades e todas as impossibilidades que pareciam condemná-lo! E eu não fallo aqui dos milagres. Não fallo dessa ideia estupenda, prodigiosa, de encerrar a sua humanidade e a sua divindade sob a apparencia dum pequeno fragmento de pão. Não me espanta o poder de Deus: o que me confunde é que o Senhor, tendo previsto e considerado todas as profanações, todos os insultos, todos os sacrilégios, de que havia de ser objecto, não hesitasse em vir a nós. Foi este amor, ou antes—para me exprimir com o Apóstolo—foi esta loucura de amor o que o fez passar, para vir aos corações dos que o amam, por tantos corações que o ultrajam, e atravessar tantas ondas de ódio e impureza humana. Oh sim, é necessário que o seu desejo seja mui vehemente, pois que o fixa e encadeia no estreito tabernáculo, até que nós ahi o vamos procurar; pois que o faz supportar essas longas esperas de que só o amor é capaz.

Ah se nós tivéssemos um pouco de coração, apressar-nos-hiamos a corresponder ao desejo de Jesus-Christo com equal desejo! Com que ardor lhe diríamos: «Tambem eu, meu Deus, desejo unir-me convosco—*Desiderio desideravi!* Tenho pressa de me unir convosco! Eu vos espero, eu vos chamo, ó Hóstia querida, ó Hóstia salutar! *Desiderio desideravi!* Como o cervo sequioso su-

spira pela agua das fontes, assim a minha alma suspira por vós, ó meu Deus!»

Os santos tinham este ardente desejo da Eucharistia. O tabernáculo era o centro de sua vida, o objecto mais constante de sua fé, de sua esperança e de seu amor.

Em que pensaveis vós, queridos mártires, sepultados em vossas negras prisões subterrâneas, onde aguardaveis a morte? Na Hóstia; e era ella quem vos dava animo para supportar a dor.

Em que pensaveis vós, santos missionários, quando apanhados pela noite em vossas peregrinações através de países selvagens, mal tinheis uma pedra em que pousar a cabeça? Na Hóstia; e a sua visão embalava docemente vossa alma, illuminava vossos sonhos e vos fazia esquecer de vossas rudes fadigas.

Todos os santos adormeciam pensando na hora bemdita da manhã seguinte, em que o maná celeste cairia com os primeiros raios do dia, e em que elles poderiam f-lo recolher com respeito e com avidez sobre o altar. Não podiam resignar-se a jejuar da Eucharistia! Quando S. Francisco Xavier realizava os seus gigantescos trabalhos no Oriente, não se queixava da falta do alimento corporal; mas queixava-se, mas declarava que era para si uma privação intoleravel não ter, alguns dias, o pão e vinho necessários para offerecer o santo Sacrificio e se alimentar do corpo e sangue de Jesus-Christo.

Assim eram famintos da Eucharistia todos os grandes christãos. Um delles, o veneravel Dupont, escrevia um dia a um amigo: «Oh se eu soubesse dum país, onde se pudesse commungar quatro vezes por dia, prepararia já a minha viagem e partiria para ir ahi habitar.» Dir-me-heis talvez que isto não era somente fome, era, por assim dizer, gulodice, uma espécie de gulodice eucharistica. Convenho nisso; mas o delicado sentimento de amor, que inspirou estas palavras, espero fará perdoar e até admirar a sua forma original e a própria familiaridade.

Accommodado de Coubé por

P. L. F.

LITTERATURA

Uma festa do Divino

(CONTO BRAZILEIRO)

Eu já fui Imperador um dia. Um dia? ... Um anno, um dia e uma noite.

Era costume em Valença, cidade estadual do Rio de Janeiro, por onde andei gastando alguns annos de minha actividade, celebrar-se o Domingo do Pentecostes com uma solemnidade muito original, porém digna de ver-se.

Elegia-se um Imperador, o qual tinha de imperar na solemnidade sentado no seu throno ao lado do Evangelho, de corôa na cabeça e sceptro na mão, desafiando assim a pasmaceira das massas com o brilho de sua realza ephemera.

Cinco annos havia que o Juquinha do Inga era successivamente indigitado para subir aquelle throno, o que elle

abertamente recusava por ser republicano, dizia elle.

Um dos preceitos mais delicados que punha em perplexidade o maior altruista do mundo, era a condição imposta ao Imperador de alforriar um escravo no acto da festa. Mas o Juquinha do Ingá não se obstinava por isso a não deixar-se acclamar Imperador: era republicano, tanto bastava para não pôr corôa na cabeça.

Havia no Ingá, — assim se chamava a fazenda do Juquinha — um escravo velho maior de oitenta annos, chamado Thomás, preto na côr, mas de virtudes que nem a todos os brancos é dado ter, ainda que isto pareça um paradoxo. Era retinto, era; mas a alma devêra ser-lhe tam branca como as asas de um cysne.

O pae de Juquinha, fallecido havia meses, bem vontade tinha de alforriar o seu escravo; porém queria que seu filho cooperasse neste acto de grande philantropia, se não de caridade. Entretanto, o velho Thomás morria pela sua alforria; queria morrer fôrro, porque o escravo que morre no cativeiro, dizia elle, não entra no reino do ceu. E vam lá tirar-lhe isto da cabeça...

Um dia, Thomás, vendo seu senhor, pae de Juquinha, prostrado no leito por uma enfermidade que o levou ao tumulo, acercou-se d'elle e disse-lhe na mais commovente humildade, pôsto de joelhos:

— *Sinhô*: Thomás está muito velho, não pôde mais servir a meu *Sinhô*; *Sinhô-môço*, quando tomar conta da fazenda, manda atirar para o monturo o seu velho escravo que não presta mais para nada. Quando a besta de carga abre dos peitos, não se manda atirar aos urubus no monte porque não dá mais serviço? Ella vai morrer feliz porque acaba aqui o seu fadario; mas Thomás, se morrer livre, não fica no monturo, não; vai para o ceu dos brancos, e se morrer escravo... ai *Sinhô!* se Thomás morrer escravo, fica sempre, sempre a dar ais e suspiros em uma noite negra que nunca acaba, porque escravo não entra no ceu...

Thomás cobriu o rosto com as mãos e entrou numa convulsão de soluços sem fim.

O velho senhor respondia invariavelmente:

— Quando Juquinha fôr Imperador do Divino, tu serás fôrro.

Morreu o pai, e o filho continuava obstinado. Já agora o ser republicano não o incompatibilizava com a corôa; eram considerações da mais alta economia domestica que o afastavam do throno: *primum vivere, deinde philosophare*.

Tocado eu do maior desejo de vir em auxilio da alforria de Thomás, prevaleci-me de antigas e intimas relações que nutri com o pae de Juquinha e com elle proprio.

Uma das obras de misericordia, a mais sympathica, a mais santa, a que mais elevava e dava fulgor e brilho á caridade, era por certo a remissão dos captivos. E então, naquelle meio e naquelle tempo, todas as difficuldades eram incentivos novos para entrar na ingente luta que o Brazil sustentou até 1888, terminando no meio de expansões de incomparavel jubilo com a extincção do cativeiro, uma das mais vivas e mais justas revindicações humanas.

Não havia argumentação, não havia supplica, não havia corda sensível naquella alma de rapaz de vinte e tres annos que o inclinasse á alforria de Thomás.

— Meu caro snr. Delphim Maria — embargava-me deste modo o ultimo discurso com que eu tentava persuadi-lo a dar a liberdade ao velho escravo — eu estou principiando a minha vida; ha pouco mais de um anno morreu meu pae e entrei na posse da fazenda; já os meus amigos querem que eu comece a gastar a galopé o que meu pae ganhou a passo. Veja lá: ha cinco annos, se eu tivesse consentido em me fazerem Imperador do Divino, desde então Thomás estava fôrro: ora Thomás dá-me um trabalho que meu pae estimava em quatrocentos mil reis annuaes; o seu valor era então de um conto; vinhamos a estar no desembolso de tres contos, pelo menos. E é verdade: mettendo agora a despesa da festa que elles orçam num conto (mas asseguro-lhe que vai mais longe) ahí tinhamos uns cinco contos votados ao vento! E os juros, meu amigo? e os juros deste dinheiro em cinco annos...

Decididamente o Juquinha dava um excellente ministro da fazenda.

— Nada, nada, meu amigo — continuava Juquinha — E' cêdo para começar a gastar... Tenho deante de mim um futuro, pois sou môço; é cêdo, muito cêdo para começar a gastar.

Estava visto: Juquinha não aceitava a corôa, nem dava liberdade ao escravo. Restava-me o appello aos Valencianos, e ficou accordado, quanto a Imperador, fosse eu o nomiado; e como não tinha escravo para alforriar e a minha questão era alforriar a Thomás, procedeu-se a uma subscrição publica.

Correu o tempo: Thomás ia ser alforriado, pois a subscrição cobriu o seu valor, e eu fui impossado da corôa e do sceptro ao som da musica, ao es-

trondo dos foguetes e sob a impressão ensurdecadora de um *vivorio* infernal que me pôs tonto. Mas tinha vencido o pleito; agora antolhava-se-me a circumstancia de ter de me phantasiar publicamente de Imperador e assim ter de apparecer em publico...

Occorreu-me um alvitre, e o pus em pratica: fiz-me representar pelo filho do meu amigo Rodrigues Maria, criança de nove annos a quem ficava a matar a imperial investidura. Emfim, tudo corria bem com o applauso de todos, menos do Juquinha que se encurralou na fazenda, cortou todas as relações com os amigos e jurou que nunca mais apparecia em publico.

— E o Thomás?
— Ah, meu caro leitor! Thomás? Era tal a sua alegria que esteve quasi á morte! Entretanto a certeza de que seu senhor levava a mal a sua alforria, contrastava bem com a felicidade de que sua alma se achava cheia.

Vamos terminar por obediencia ao nosso programma.

No domingo do Espirito Santo a cidade de Valença cobria-se se suas louçanias e bem cêdo o povo acudia á festa. Thomás estriou roupa nova e pela terceira vez na sua vida (!), depois de confessado, recebia a sagrada communhão com um proposito e uma edificação que sensibilizava até ás lagrimas!

Eu Imperador do Divino, fazendo-me representar por aquelle menino, punha na rua o imperial cortejo em que Thomás e o imperadorzinho eram as figuras mais attrahentes, e despedi um proprio á fazenda do Ingá a pedir, com instancia, a Juquinha que não faltasse á festa.

Começou a Missa solemne; o imperadorzinho já estava no throno; Thomás, sempre de joelhos no primeiro degrau, sempre extatico, hirto e frio como um gelo; haviêis de dizer que não era um homem, não, mas uma estatua de pedra, como marco milliaro áquella celebrada festa.

Terminada a Missa, Thomás recebeu a carta de alforria depois de lida em voz alta pelo Diacono, benta pelo Celebrante e entregue pelo imperadorzinho. Ao lêr-se a assignatura do senhor do escravo alforriado, todos os olhares procuravam na multidão o Juquinha do Ingá. Debalde! Juquinha não comparecera...

Nisto um sussurro começa a inquietar a multidão. O proprio que eu enviára a pedir a Juquinha a sua presença, trouxe uma fatal noticia, que logo se espalhára. Juquinha, victimado por uma congestão cerebral, havia sido encontrado morto no leito!... No começo da vida?!... No fim da vida!... Triste e solemne desillusão da fatuidade humana!...

A noticia correu em borborinho entre a multidão. Thomás despertou com o choque da fatal nova; pôs-se de pé, esbugalhou os olhos, fitou a multidão com ar de assombro e — Pae do ceu! acôde á alma do meu *sinhô môço!*... — exclamou elle em um transporte de afflicção e dôr.

Ouviu-se um baque: Thomás caira fulminado! Transportado para o consistorio da igreja entregára a alma a Deus: prostrára-o uma syncope cardiaca.

Digam agora: qual daquellas duas almas parece mais branca?...

— Profundos e insondaveis designios de Deus...

Guimarães, 31—5—6.

Delphim Maria.

CURIOSIDADES

Historia de tres coelhos e dum fragmento de radio. — Quando se descobriu o radio, houve um grito de geral espanto. Depois tem-se tentado applicar as suas propriedades á medicina; os primeiros resultados não têm sido concludentes. O radio é um corpo duma poderosa actividade; ainda se não sabe exactamente como pôde ser utilizado. O dr. E. S. London, do Instituto imperial de S. Petersburgo, procedeu a uma experiencia das mais curiosas com o radio, que se poderia intitular dum modo humoristico: "Historia de tres coelhos e dum fragmento de radio...". Encerrara numa gaiola estreita os tres animaes. Na parte superior do tecto da gaiola foi collocada uma caixa com 25 centigrammas de brometo de radio puro. Depois foi observando os animaes.

Durante os primeiros dias, estes passaram bem, continuando a comer e até a engordar. Depois ao cabo de quinze dias começou a sua saude a alterar-se e elles apresentaram accidentes multiplos. A principio a pelle das orelhas pôs-se vermelha e appareceram umas chagas parecidas com queimaduras; ao mesmo tempo o pelo ia caindo; mais tarde as orelhas grangrenaram-se em parte, isto é, destruiu-se completamente uma parte da sua substancia. Por seu turno começaram a despellar a cabeça e o dorso e ahí se manifestaram chagas. Recordamos que o radio estava no tecto da gaiola e que exercia a sua acção sobre o dorso dos animaes, habitualmente em pé. Depois os coelhos assim radiados tornaram-se somnolentos, apathicos, apenas se moviam quando se lhes apresentavam os alimentos e já não procuravam fugir quando se provocava o medo no meio delles, sendo conhecida, como é, a lendaria pusillanidade deste animal. Ao cabo dalguns meses tiveram difficuldade em servirem-se das suas patas traseiras e para logo a paralyisia da parte posterior foi quasi completa. Por outra parte os coelhos apresentaram perturbações na vista e notou-se que estavam quasi cegos, posto que a principio os seus olhos não apresentassem modificações apparentes. Só um exame especial permitia reconhecer lesões da retina. Emfim, depois de terem engordado, os animaes entraram de emmagrecer e o seu peso foi diminuindo até á morte. Acabaram todos por succumbir e pela autopsia reconheceu-se uma atrophia em todos os seus orgãos. Como se dará a sciencia com a conquista que acaba de fazer?

Para lavar a baixella. — Alegrem-se as donas de casa, que se inventou uma machina de lavar a baixella. Compõe-se esta machina de dois cylindros metallicos ligados entre si por um tubo de nivel. Um destes tubos é muito simplez e é destinado a receber agua ordinaria. O segundo, em que se faz a lavagem propriamente dita da baixella, é mais complicado. Comporta com effeito um helice que occupa o fundo, e um recipiente de dupla parede munido de orificios dum lado, que se enche de lexivia e em que se põi a baixella a lavar, collocada em cestos de fio de ferro. A lavagem da baixella faz-se neste apparelho do modo seguinte: enche-se de agua ordinaria a ferver o primeiro cylindro e no segundo colloca-se o recipiente que se enche de agua quente adicionada de sabão negro e de crystal de soda. Estando collocados no recipiente os cestos com a baixella suja, põe-se em marcha o motor electrico que acciona o helice. Este, começando a girar muito rapidamente, aspira a lexivia, preme-a com violencia entre as paredes do recipiente e projecta-a continuamente contra a baixella. E assim se faz uma limpeza perfeita pela acção chimica de lexivia quente, juncta á acção mechanica do liquido. Ao cabo de vinte segundos tira-se o cesto que contem a baixella lexiviada, e mergulha-se duas vezes no cylindro que contem agua para enxaguar, e põi-se na plata-forma a seccar, emquanto se põi outro cesto com baixella suja na lexivia. E no fim de vinte segundos torna-se a começar de modo que numa hora lavam-se 3000 peças de baixella suja, enxagam-se, seccam-se e ficam prontas a servir.

A febre amarella. — Descobriram-se recentemente uns terrenos auríferos na America, em

Manhattan, a 140 kilometros dos bancos de areia da Nevada. O valle que era apenas povoado dumas vinte pessoas, viu estabelecer-se numa semana um acampamento de 4:000 pessoas. Chegam-se a pagar automoveis a 2:000 francos por dia afim de chegar mais depressa a Manhattan. O prego dos lotes de terra saltou de 125 francos a 17500 francos. O metal é obtido com muito trabalho e no estado puro. Nas cidades vizinhas ha uma grande ansiedade, todos querem adquirir terrenos em Manhattan. A febre do ouro pôi em movimento todo um povo.

Croton tinctorium.

— No Gard, França, ha uma planta o *croton tinctorium*, que cresce no estado agreste e que serve para pintar os queijos da Hollanda. Os cultivadores apanham as hastes e as folhas, põem-nas em montão afim de que entrem em fermentação e adquiram a propriedade de dar ao queijo a côr vermelha. Uma vez por anno um navio hollandês vem a Cete buscar o *croton* para o entregar aos fabricantes de queijo de Hollanda.

SCIENCIA PARA TODOS

A alimentação

SUMMARIO — *Menús* physiologicos — O que comem os operarios — Como devemos comer.

Não está longe o dia em que um bom medico deverá prover-se de um bom cozinheiro. Já em muitas enfermidades, a arte de receitar cede o passo á arte de preparar o *menú*. Temos normas alimenticias para diabeticos, gottosos e obesos. O verdadeiro medico do dispeptico é a sua cozinheira; e emquanto ao tuberculoso, emquanto se espera pelo remedio de Behring, pômos á sua disposição todas as receitas da gastronomia, e promettemos-lhe a cura contanto que coma.

Todavia o homem normal, o homem são, não está menos interessado que o homem enfermo em alimentar-se segundo as regras da physiologia. Uma alimentação scientificamente escolhida e classificada é a melhor defesa contra as invasões microbicas e diversas enfermidades.

O maximo do rendimento com o minimo do gasto não é o ideal de toda a machina? Pois o homem physico não é tambem um motor animado?

As regras alimenticias formularam-nas os physiologos ainda não ha muito. Desgraçadamente, porém, fazem-no em geral em termos tam obscuramente chimicos que os seus conselhos estão superiores ao entendimento corrente.

Em sabias emanções em que se combinam o oxigenio, o carbone e o hydrogenio, estabelecem o nosso balanço de gastos e ingressos em calorías. Porém não é facil a uma cozinheira resolver essas emanções em couves e batatas.

Como formular, pois, um *menú* baseando-se sobre a media de 40 calorías por chilogramma de peso, que reclama a physiologia, sabendo que essas calorías devem de ser facilitadas por 100 grammas de albuminoides, 400 de hydratos de carbone e 70 de gorduras?

Não ha possibilidade de fazer penetrar essas abstracções no cerebro popular e não se pôde encarregar ao carneiro ou ao padreiro de nos trazerem 50 grammas de albuminoides e 250 de hydro-carbonicos.

Os auctores de recentes trata-

dos de hygiene alimenticia pretendem apresentar a questão sob uma forma mais pratica. Armando Gautier, em uma série de quadros, esforça-se por pôr ao alcance de todos o valor, em albuminoides, em hydratos de carbone e em gorduras, de diversos alimentos. Porém a leitura desses quadros exige ainda calculos que os fariam perder o appetite antes de fazer o *menú*.

O physico Pagés, mais simplesmente, formulou verdadeiros *menús* para cada comida em cada dia da semana. Demonstrou que um operario pôde alimentar-se em Paris, de uma forma racional e sufficientemente variada, pela quantia de dois francos.

Esse lado pratico do assumpto é o que o professor Landonay e os seus dois chefes de laboratorio acabam de reeditar. Fizeram uma investigação sobre uns cem operarios e empregados parisienses e não lhes custou muito trabalho convencer-se de que o operario não sabe alimentar-se e que é necessario ensiná-lo a comer.

Eiz aqui por exemplo, como se alimenta um ferrador de 37 annos que executa um trabalho penoso: ás 8 horas da manhã come 150 grammas de pão e meio litro de vinho tinto; ao meio dia 150 grammas de pão, 100 de carne, 120 de legumes, 6 decilitros de vinho e café com aguardente; ás 6 horas e meia um caliz de absintho e ás 7 e meia ou 8, 100 grammas de pão, 100 de carne, uma sopa, 70 grammas de legumes e meio litro de vinho. Resumindo: toma durante o dia 400 grammas de pão, 200 de carne, 190 de legumes, 2 litros de vinho, 150 de absintho e 40 centilitros de alcohol, o que tudo representa 4:000 calorías por uma somma de 4 francos.

Agora bem: um operario dessa categoria, que pese 75 kilos, necessita 48 calorías de peso, ou sejam 3:600 calorías. Por tanto é defeituosa a alimentação do mencionado operario por ser muito o alcohol consumido.

Para se obter 3:600 calorías eiz como deveria de ser o *menú* quotidiano: 520 grammas de pão, 200 de carne, 20 de legumes frescos; 500 de batatas ou 150 de legumes seccos, 80 de assucar, 300 de leite, 40 de manteiga ou de queijo, 30 de arrôz, 200 de fructa, um litro de vinho e uma chavena de café.

E este *menú* não custaria, em casa, mais do que 2 francos, ganhando assim a bolsa, como o estomago.

Toda esta lição vale mais do que um discurso sobre a nutrição e contra a anemia; e a prescrição de *menús* deste genero seria mais util do que uma receita pharmaceutica.

Porém, como entender estas noções praticas no povo descuidado e ignorante? Não é coisa facil. A sociedade de hygiene alimenticia de França propôe-se este fim. E' preciso que o operario saiba que tendo de escolher entre os alimentos aquelles que melhor o nutram, deve convencer-se de que os mais economicos sam quasi sempre os mais uteis ao estomago, e que ás vezes sam tam nutritivos como aquelles que custam o dobro do dinheiro.

DR. ARCOS.

O advogado e notario Joaquim Lopes de Oliveira, mudou o seu escriptorio para o Largo do Toural n.º 60.

NOTICIARIO

S. Torquato.—Prometem ser imponentes, como de resto o sam todos os annos, as festas ao martyr S. Torquato, no corrente anno.

Do programma que acaba de ser profusamente affixado recortamos o seguinte:

29 de junho — Neste dia já se encontram adornados os largos e avenidas que circundam o Santuario, havendo musica e fogo durante o dia. A' noite haverá iluminação e fogo do ar, tocando no arraial 4 bandas de musica.

30 de junho — Vespera da Grande Romaria — Durante o dia haverá diversos festejos publicos, arraial, vespersas solemnes e sermão. A' noite, fogo de artificio, aerostatos e illuminações, executando no arraial diversas bandas de musica as melhores peças dos seus repertorios.

1 de julho — Dia da Grande Romaria — Pelas 8 horas da manhã celebrar-se-ha uma missa campal em altar proprio, collocado á porta principal do majestoso templo.

Festividade — Pelas 10 horas da manhã continuará a solemnidade religiosa com missa cantada a grande instrumental, sermão e benção com exposição do Santissimo Sacramento.

Procissão — Depois das 4 horas da tarde sairá a majestosa procissão.

Entre duas extensas alas de irmãos, precedidos pela cruz da irmandade, seguirão diversos grupos de anjinhos e figuras allegoricas e «dois carros triumphaes», representando passagens da vida do milagroso Santo, nos quaes iram côros de virgens entoando canticos allusivos; a cruz, corpo clerical e o palio sob o qual será conduzida a sagrada Reliquia do Santo Lenho. Fechará o prestio uma força de infantaria 20 e duas bandas de musica.

Arraial — A' noite haverá um grandioso arraial com deslumbrantes illuminações e fogo de artificio dos mais afamados pyrotechnicos, tocando em diversos locais 6 bandas de musica.

Comboios — As Companhias dos Caminhos de Ferro farão anunciar comboios extraordinarios de ida e volta a preços reduzidos.

Circulo Catholico.

Amanhã pelas 2 horas da tarde no edificio social do Circulo catholico desta cidade, reúne a assembleia geral desta florescente associação operaria para discutir e approvar o relatório e contas da direcção, referentes no anno economico de 1905-1906, bem como o parecer do conselho fiscal e para se proceder á eleição dos corpos gerentes da mesma aggregração catholica para o futuro anno economico de 1906-1907.

Não reunindo neste dia numero legal de socios a segunda convocação é para a proxima sexta-feira, á mesma hora.

S. Luis Gonzaga.

No passado domingo, realizou-se na igreja do Seminario, com toda a imponencia, a festividade de S. Luis Gonzaga.

Cerca das 7 horas da manhã, principiou a missa cantada, segundo o «motu proprio» de S.S. Pio X, pelos seminaristas, sob a habil regencia do rev. Henrique José Gonsalves Pereira.

O sympathico acto da primeira communhão revestiu o maximo brilho. Foram perto de duzentas

as creanças que se abeiraram pela primeira vez da sagrada mesa eucharistica.

No altar-mór ministrava a sagrada communhão aos meninos o rev. dr. João Nepomuceno Pimenta, digno vice-Reitor do Seminario-Conciliar, de Braga, que foi quem celebrou o santo sacrificio da missa.

No corpo da igreja, revestido da capa de asperges, distribuia o pão eucharistico ás meninas o rev. Apparicio, incansavel missionario de Timor.

Durante este imponente acto, as meninas do Asylo de Santa Estephania entoaram alguns canticos allusivos ao acto da communhão, sendo acompanhadas a harmonium.

Ao *communio* o rev. João Antonio Ribeiro fez uma brilhantissima allocução.

A cerimonia dos perdões que se seguiu á renovação das promessas do baptismo, foi solemnisima e muito commovente.

Após a festividade seguiu-se o almosso aos neo-commungantes, que decorreu muito animado e no meio da maior alegria. Foi servido por distinctas damas vimaranenses. Durante a refeição, executou algumas peças musicas a banda do Asylo Agricola, de Santo Thyrso, sendo muito applaudida.

De tarde, cerca das 6 horas, saiu uma apparatusa procissão que percorreu o itinerario costumado na melhor ordem.

Donativos. — Durante o mês de maio findo foram entregues á superiora do Asylo de Santa Estephania as seguintes esmolas:

De um anonymo, um cesto de laranjas; da sr.^a D. Maria Anna Mello Sampaio (Pombeiro), a quantia de 25500 reis para o almosso do dia 14; da sr.^a D. Eulalia da Cunha Costa e Mello, 3 peças de panno cru; da sr.^a condessa de Margaride, um cesto de laranjas; de um anonymo, uma obrigação de 900000 reis de 5^o da Companhia Geral de Credito Predial Português; da sr.^a D. Maria do Carmo Martins Pereira de Menezes, 1 garrafão de vinho.

Festa do SS.

Amanhã realiza-se na igreja da Collegiada uma festividade em louvor de Jesus Sacramentado.

Cerca das 10 horas da manhã principiará a missa solemne a grande orchestra, sendo celebrante o ex.^{mo} D. Prior.

A's 3 e meia vespersas solemnes e a seguir completas cantadas a vozes e órgão seguindo-se o sermão pelo rev. Maximiano Barreiros, da cidade do Porto.

Após o sermão, sairá a apparatusa procissão figurando nella as ricas alfaias de prata adquiridas ultimamente pela Confraria do Santissimo, erecta na Insigne e Real Collegiada. Será alem disso abrihantada por grande numero de anjinhos, Seminario e pelas tres confrarias da cidade, etc.

Em frente á igreja tocará hoje á noite a banda do sr. João Ignacio.

Bilhetes postaes.

Ilustrados com o retrato do Santo Padre Pio X em oleographia, a côres, a 20 reis cada um.

Ditos com vistas de Vizella, uma das mais importantes estancias thermaes de Portugal, trabalho nacional e portanto preferivel ao estrangeiro, impressão a preto, nitida e cuidada, em optimo

cartão *couché*, com photogravuras de Marques Abreu & C.^a, do Porto, a 20 reis cada um. Por collecção, que consta de 14 exemplares com 17 vistas escolhidas, tem 20 por cento de desconto.

Vendem-se na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão.

Remettem-se pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas e mais 5 reis para porte por cada cinco exemplares.

Confraria do SS.

Procedeu-se ha dias á eleição da mesa da Confraria do SS. da igreja da Collegiada, recaindo nos seguintes cavalheiros:

Juiz, Padre Abilio Augusto de Passos; secretario, Domingos da Silva Gonsalves; thesoureiro, José Joaquim de Sousa Felix; procurador, José Fernandes da Costa; mordomo ecclesiastico, Padre Antonio Teixeira de Carvalho; mordomos da cêra, Manuel da Cunha Machado e João José de Oliveira; mordomos vagos, José Antonio da Silva Guimarães e José Martinho Fernandes; mordomos do azeite, Custodio Lopes da Sousa Guimarães e Francisco Salgado.

Camara Municipal.

Na sua sessão de 30 de maio, depois de lida e approvada a acta da anterior sessão ordinaria, foi esta aberta ao meio dia.

Officios:

Da Associação Commercial de Guimarães, com data de 29 do mês corrente e anno, protestando o seu agradecimento pela deliberação tomada pela Camara, a proposito da feira de S. Gualter, cuja deliberação lhe foi communicada por officio n.º 76; inteirada.

Do sr. Administrador de Concelho, sob o n.º 260 com data de 28 do mês corrente, remetendo devidamente approvedo o projecto e orçamento para a construcção da estrada municipal desta cidade ao logar do Pinheiro. (Estrada districtal n.º 17) laço do Cruzeiro de S. Pedro, ao logar da Barreira, na extensão de 581.^m00; inteirada deliberação annunciar a arrematação das terraplenagens e obras de arte constantes do alludido projecto, sob a base de licitação de 3005000 reis.

Requerimentos:

De João Rodrigues Ferreira, proprietario, da povoação das Caldas das Tappas, deste concelho, pedindo licença para reformar uma entrada no terreno que possui no logar da Conhota, daquelle povoação; á repartição de obras para informar e volte.

De Eduardo da Silva Guimarães, Sobrinho, desta cidade, pedindo licença para collocar na frente da sua casa designada pelo n.º de policia 147 e 149, sita na rua de D. João 1.^o, desta cidade, uma taboleta com os seguintes dizeres: «Nova Confeitaria e Pastelaria de Eduardo da Silva Guimarães, Sobrinho»; concedida.

De Bento Martins, proprietario, desta cidade, pedindo licença para abater gado bonivo e lanigero na povoação das Caldas de Vizella, deste concelho; concedida, devendo observar-se as disposições do art.º 1.^o da Postura de 22 de abril de 1903.

De João Pereira Mendes, negociante, desta cidade, pedindo licença para collocar um toldo em frente ao seu estabelecimento sito na rua de D. João 1.^o, lado direito, desta cidade; concedida, nos termos das Posturas municipaes.

—De Joaquim Ferreira dos Santos, proprietario, desta cidade, pedindo licença para vedar um terreno que possui em Santa Luzia, junto ao rio, confluyente com a rua Francisco Agra, desta mesma cidade; concedida devendo o alinhamento ser demarcado pelo empregado respectivo das obras municipaes.

Deliberações:

Mandou enviar ao sr. Vereador do pelouro da illuminação as participações das occorrencias havidas na luz pública da cidade, durante as noites dos dias 23 do mês corrente até hoje, acompanhadas de um officio justificativo da Companhia de Electricidade, para dar parecer, allem da Camara deliberar o que fór conveniente.

Deliberou assalarar uma mulher para exercer o serviço da banheira no estabelecimento thermal das Caldas das Tappas, administrado directamente pela Camara, conforme preceitua o regulamento interno vigente do mesmo estabelecimento.

Deliberou fazer a aquisição de 24 candieiros, para a illuminação pública das povoações de Vizella e Tappas, sendo 12 para cada povoação.

Deliberou fazer aquisição de diferentes objectos indispensaveis para a irrigação das ruas da povoação de Vizella, até á quantia de 55000 reis.

Deliberou mandar proceder á irrigação das ruas da povoação de Vizella, durante os meses de junho a agosto, do corrente anno, por administração propria.

Deliberou mandar proceder ás reparações urgentemente necessarias, no edificio do matadouro público municipal, desta cidade.

Approvou o projecto e orçamento supplementar para acrescimo á 5.^a empreitada da estrada concelhia n.º 14, laço das Caldas de Vizella a Regilde, parte comprehendida entre os perfis n.ºs 31 a 71, que consiste na construcção de aqueductos, na importancia de reis 205000, e mandou que fossem executados pelo empreiteiro respectivo.

Approvou o projecto e orçamento para a obra de melhoramento da servidão do extremo do sul da ponte de Santa Luzia para o rio, orçado na importancia de 975000 reis, e mandou annunciar a respectiva praça.

Approvou o projecto para a obra de reparação e melhoramento do caminho municipal no logar de Novaes, da freguesia de S. Clemente de Sande, orçado na importancia de 985400 reis.

Approvou o projecto para a obra de reparação e melhoramento do caminho municipal no logar da Mogada á Bouça do Pinheiro, da freguesia de S. Clemente de Sande, orçado na importancia de 945330 reis.

Auctorizou o sr. presidente a mandar proceder á festa e procissão do Corpo de Deus, que se realiza no dia 14 do proximo mês de junho.

Deliberou mandar elaborar o projecto e orçamento para a reparação e melhoramento de que carece o caminho publico municipal da freguesia de S. Faustino de Vizella, desde o logar do Assento ao do Pinheirinho.

Auctorizou diferentes pagamentos.

O dia santificado

Em honra de S. José

32 paginas

Vêr o annuncio—Livros religiosos

PREVENÇÃO.

Tendo chegado ao nosso conhecimento o facto de ter andado a receber o importe das assignaturas pelo concelho um LARAPIO qualquer que se intulou cobrador do nosso semanario, prevenimos os nossos pre-sados assignantes de que A RESTAURAÇÃO nunca teve nem tem cobradores, sendo esse serviço feito unicamente pelas estações postaes, como por vezes o temos declarado em expediente, devendo, portanto, as assignaturas ser pagas só nas referidas estações ou aos seus empregados, quando o não sejam directamente nesta administração, á rua de Payo Galvão — Typographia Minerva, o que é sempre preferivel.

Vamos brevemente continuar a publicação da lista dos snrs. assignantes que se acham em divida desde o n.º 1 de A RESTAURAÇÃO, a quem suspen-demos a remessa por falta de pagamento. Mas para que não tenham que dizer depois, mais uma vez serão avisados particularmente, e attentosamente, como sempre o temos feito, para que nos enviem, se quizerem evitar tal desgosto, as importancias em divida.

Parece-nos razoavel e de justiça que, tendo recebido o jornal, nos paguem o que nos devem.

O administrador,

Antonio Santos

Sellos para colleções

Pacotes de 50 variedades para 20 reis cada.

Pacotes de 100 variedades, entre os quaes se contam bellos exemplares antigos e modernos das nações americanas e asiaticas, para os preços de 50, 100, 200, 500, 1500 e 2500 reis cada pacote.

Pacotes de 500 variedades para 55000 reis cada, contendo bellos e valiosos sellos.

Vende CANDIDO GOMES, residente nos Arcos de Val de Vez.

Todas as encomendas superiores a 500 reis remetem-se francas de porte.

O pagamento em sellos de 25 reis ou vale.

ANNUNCIOS

Livros religiosos

Acham-se á venda, na Typ. Minerva, á rua de Payo Galvão, os seguintes livros religiosos:

A Cruz Alliviada ou motivos de consolação nos trabalhos, do P. Piamonti, S. J., versão portugueza por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica, 112 paginas, em 16.^o grande: em brochura 120 rs.
Com linda encadernação em panno chagrin 250 rs.
Pelo correio mais 10 rs.
O dia santificado em honra de S. José, pios exercicios para uso dos devotos do Santo Padroiro da Igreja, 32 paginas, formato elegante, com a imagem do santo na capa magnificamente trabalhada a côres 60 rs.
Pelo correio 65 rs.
Os beneficios da confissão por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Primás, 58 paginas em 8.^o: Em brochura 50 rs.
Cartonado 120 "
Pelo correio franco de porte.
Desconto vantajoso nos compradores de 50 exemplares para cima.

SERMÕES

do Veneravel Padre **SEGNERI**, da Companhia de Jesus

(O Cicero christão)

Seguidos de observações criticas pelo reverendo **JUAN MARIA SOLÁ** da mesma Companhia

Traduzidos em português pelo Presbytero

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice", e redactor da "Revista Catholica",

A Empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu, no intuito de fornecer aos reverendos sacerdotes e parochos o melhor e mais puro modelo de oratoria sagrada, principiou a publicar os monumentaes **Sermões** do grande orador sagrado, o Veneravel PADRE **SEGNERI**, da Companhia de Jesus.

O titulo glorioso de *Cicero christão* com que o Veneravel Padre e zelosissimo missionario apostolico italiano é conhecido em todo o mundo sabio, só por si, sam a mais alta recommendação da obra que vai sair a lume.

Para se avaliar a sua importancia e necessidade, vamos transcrever do Prologo o testemunho auctorizado de Guilherme Audisio, presidente da Academia de Soperga, em Turim, e mais tarde conejo de S. Pedro no Vaticano e lente de direito da Universidade da Sapiencia em Roma, que deixou escripto nas suas formosas *Lições de Eloquência Sagrada* que dedicou ao immortal Pontifice Pio IX:

"Segneri, o grande Segneri, nascido em Nettuno (provincia romana) em 1624, grande pela natureza e tornado ainda maior pelo estudo que fez, incansavelmente, nos modelos de toda a litteratura classica italiana, tomou sobre si o honroso encargo, luctando contra uma nação inteira, de despertar o genio oratorio de Cicero. Começou por lançar fóra da eloquência sagrada os ornatos profanos, as metaphoras empoladas, e os caprichos que a ignorancia dos seculos precedentes tinha introduzido, e o mau gosto daquelle tempo tinha desmedidamente augmentado.

"Pós-se a tratar, não assumptos paradoxaes, de que, como diz Roberti, ao menos uma quarta parte era falso, onde o orador se via em sérios embaraços para reduzi-los a um sentido verdadeiro e catholico; não proposições exquisitas, que não visavam a instruir, mas a impôr-se pela novidade: mas sim verdades christãs, e não só christãs mas práticas; demonstrando-as quasi sempre com a auctoridade das Sagradas Escripturas e dos Padres, com o sentimento e com a razão.

"Depois de assim escolhida entre as verdades mais uteis e solidas a sua proposição, que enuncia com força e lucidez, desce à disposição das provas.

"E nenhum outro orador, quer sagrado quer profano, jámais as dispôs com magisterio mais subtil de sabedoria, encadeando-as entre si, apertando o ovinete com vinculos tam fortes, que lhe tornava a um tempo necessario e doce o render-se.

"E tanto no convencer como na promoção dos affectos, é sempre e em toda a parte, a par de Demosthene, o orador popular.

"Como sabe encarnar e colorir as provas, servindo-se de imagens!

"Como a attenção, que facilmente cairia enfraquecida e extincta na aridez do raciocinio, é por elle avivada, já com a belleza das narrações, já com um dialogo franco e natural, que não abandonando a si mesmo os ouvintes conciliava para o discurso a vivacidade e o deleite de conversação animada!

"Como o seu estylo é nobre e elegante, energico e forte!

"Cada palavra sua, escreve Andres, é a mais apropriada, cada phrase a mais expressiva, cada periodo o mais justamente medido, as expressões significativas e opportunas, as figuras bem manejaadas, e todas as luzes da dicção empregadas com maestria e facilidade.

"Se faz uma narração, pinta-a com as côres mais naturaes e verdadeiras; se move um affecto, estimula-o com a força mais viva e ardente; se quer amplificar um sentimento, apresenta-o com maior luz, e com dignidade mais nobre; e o seu estylo brilha com os ornatos duma fecundia natural, sem os vicios desmedidos duma affectação estudada."

E basta de citação para se ajuizar do que é esta obra. A seguir seram tambem publicados os

SERMÕES ABREVIADOS para todos os domingos do anno

POR

Santo Affonso Maria de Ligorio

Condições da assignatura

A obra é distribuida em fasciculos de cinco folhas magnificamente impressas em optimo papel, de formato 8.º grande.

Cada fasciculo custará apenas 160 reis, que seram pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberam os fasciculos pelo correio sem augmento de preço, e pagarám de cinco em cinco fasciculos, para o que lhes seram enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos. A distribuição será feita com a maxima regularidade.

Tem direito a um exemplar quem angariar dez assignaturas e se responsabilizar pelo seu pagamento.

A empresa aceita correspondentes em todas as terras onde os não tem, dando referencias naquella cidade.

ANUARIO DO DISTRICTO DE BRAGA

Commercial, industrial, agricola, burocratico, biographico, descriptivo e chorographico

para 1906

DIRIGIDO POR LAURINDO COSTA

EDIÇÃO ILLUSTRADA

Acaba de ser posto á venda este valioso elucidario que traz informação segura de todos os concelhos do districto de Braga, pelo que se torna uma obra altamente indispensavel a todas as repartições publicas, casas de commercio, fabricas, estabelecimentos bancarios, e a advogados, medicos, pharmaceuticos, proprietarios e agricultores, em edição muito primorosa, e illustrada com retratos e biographias de filhos de Braga, que pelo seu talento se têm distinguido, em carreiras litterarias, scientificas e artisticas.

Um grosso volume de cerca de 500 paginas, impresso em bom papel, 500 reis, pelo correio 550 reis.

Empresa editora de *A Folha do Minho*, rua Rodrigues de Carvalho, 46. 1.º—Braga.

Em Guimarães—Livraria Freitas.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e frutos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

«O Valle das Lagrimas é um asombro de sentimento christão, a mais bella e fortificante apothéose dessa gota-estrella, divinizada por todos os poetas religiosos e chamada com eufonia — a lagrima».

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

HISTORIA SAGRADA

DO

ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

(Vida de Jesus-Christo e dos primeiros apóstolos) acompanhada de 30 gravuras e de dois mapps e um plano de Jerusalem

PELA

«ESTRELLA DO NORTE»

Com approvação do Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, brochada—160 reis. Cartonada — 200 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE 2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis perspelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos. Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis. Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumeº á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgençada

pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	1\$000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.